

Sobre Gomes Teixeira (*)

por Luís Freire

Universidade do Recife

Por sugestão do meu presado amigo, o PROF. ANTÔNIO MONTEIRO, que, entre nós, no Brasil, até ontem, prestou relevantes e inesquecíveis serviços ao nosso ensino e cultura da matemática, traço estas singelas linhas comemorativas do centenário do grande matemático português FRANCISCO GOMES TEIXEIRA.

Em sua maior parte este artigo é a reprodução do que em 1933 publiquei num jornal brasileiro ao ter notícia do seu passamento (*Diário de Pernambuco*, 7 de Novembro de 1933).

*

Procurei conhecer a obra de GOMES TEIXEIRA quando, há já muitos anos, em 1924, através das páginas do *L'Enseignement Mathématique*—o grande órgão oficial da Comissão Internacional do Ensino Matemático—, dei conta das recepções que lhe fizeram na tradicional Sorbonne e na Universidade de Toulouse.

Poucos os que as poderão grangear—o sábio português, de certo, colheu naqueles momentos a maior das recompensas espirituais da sua vida apostolar.

A obra de GOMES TEIXEIRA, que foi professor na Universidade de Coimbra e Reitor da do Porto, distribue-se por sete enorme volumes in-quarto, afóra as suas conferências e ensaios.

Citado por matemáticos do porte de PAUL APPELL, o seu *Tratado das Curvas especiais notáveis, planas e reversas* foi premiado pela Academia das Ciências de Madrid.

O Instituto de França coroou com o prémio Binoux os seus trabalhos sobre a Filosofia e a História das Ciências.

Os três volumes dos sete de sua obra matemática completa, dedicados às curvas notáveis, constituem um verdadeiro monumento elevado à técnica, à história e à filosofia das matemáticas, ao mesmo tempo.

Neles se encontram, e para cada curva, o estudo da forma, da construção, da retificação, da área que elas delimitam, o de suas propriedade e sua história, as relações existentes entre as curvas e os problemas em que essas aparecem.

Difícil é encontrar-se sobre um assunto especial obra tão completa e inteligente.

A ciência portuguesa se orgulhará sempre de semelhante obra.

*

Quando já o pêso dos anos não permitia a GOMES TEIXEIRA meditações profundas sobre os delicados assuntos de matemática, consagrou-se ele inteiramente aos estudos da história da matemática portuguesa, estudos esses que fizeram o objeto de suas conferências, em 1923, nas Faculdades das Ciências de Paris e de Toulouse.

O seu belo livro *Panegíricos e Conferências* dá conta desse labor dos seus últimos anos.

Tratando com alto senso filosófico o evoluir das questões em matemática, tem-se neste livro a cristalização de pensamento do Mestre, o coroamento de uma vida que de facto penetrou nos arcanos temíveis da ciência do número.

Mas quem se assenhoreia desses segredos não pode deixar de ficar um tanto poeta...

Já dizia o matemático KRONECKER ao seu colega DUHAMEL: *Wir sind Dichter* (Somos poetas).

GOMES TEIXEIRA, em seus *Panegíricos e Conferências* tem páginas de verdadeiro lirismo.

Vejamos alguns dos seus trechos:

«A imaginação é a qualidade primacial para ser grande na Poesia ou na Matemática; é na imaginação que está a força do poeta, é na imaginação que está a força do geômetra; mas os meios para um ou outro a aplicarem são diferentes, assim como o são também as origens da inspiração de cada um, que o

(*) Recebido em 1951, Agosto.

poeta vai ordinariamente beber às cenas da vida humana e às belezas da natureza e geômetra vai buscar às harmonias numéricas que são o regulamento do Mundo.

Aos fatos e realidades do Mundo físico substitue o poeta imagens literárias e o matemático imagens geométricas, que encantam e emocionam a alma, e uma e outra são produtos do gênio de cada um deles.

Mas o geômetra vai mais longe do que o poeta nos resultados da imaginação, que ordinariamente correspondem, no caso do primeiro, a realidades, no caso do segundo, a idealismos e ficções, e podemos com razão exclamar com SULLY PRUDHOMME: qual de vós, poetas, pôde gozar o orgulho de uma criação semelhante à de um teorema de que depende a predição de um fenômeno celeste?!»

«Para os que estão em condições de compreender as Matemáticas, essas ocupam sob o ponto de vista estético, o mesmo lugar entre as ciências naturais, que a Poesia ocupa entre as outras letras e as Belas Artes ocupam entre as outras artes. Para estes, as Matemáticas são ciências que interessam pelo que têm de útil e encantam pelo que têm de belo; são as chaves da Filosofia natural, as bases que a sustentam, os clarões que a iluminam, os adornos que a enfeitam, são um mundo de grandezas abstratas, em que a alma encontra primeiro o encanto do mistério e depois a consolação da luz.

Às harmonias da natureza, que são o encanto dos sentidos, correspondem nas matemáticas harmonias numéricas, que são o encanto da razão.

Um trabalho matemático é para quem o sabe ler o mesmo que um trecho musical para quem o sabe ouvir, um quadro para quem o sabe ver, uma ode para quem a sabe sentir.

Assim como admiramos na música a harmonia dos sons, na escultura a harmonia das formas, na pintura a associação da harmonia das formas e das cores, na Matemática, como na Poesia, encantam-nos as harmonias das idéias creadas pela imaginação, sem a qual não há poeta, sem a qual não há geômetra».

Essa alma sentimental de português precisaria pouco para atingir ao fervor da crença religiosa.

Já por essa tocada desde os seus primórdios, o avançar dos anos não a fez senão exaltar.

E daí aparecer o analista das matemáticas, o poeta do número, como autor de dois «romances de amor a Deus».

S. Francisco e Clara de Assis têm belos hinos na pena sábia de GOMES TEIXEIRA.

«A existência de Deus é a questão mais sublime da Filosofia e da Ciência», diz êle em uma das suas introduções ao estudo da vida e da obra daqueles dois santos.

E assim se despediu do mundo esse português ilustre que aos encantos da mais fascinante de todas as ciências juntou as doçuras da fé que tão fortemente iluminou a sua noite longa vida.

Falecendo aos 80 anos, proporcionou-lhe a Providência, em que tanto confiou, tempo bastante para meditar sobre essas matemáticas tão vastas e absorventes, legando assim à sua geração e as que se seguiram magníficos trabalhos.

Não se foi como GALOIS aos 20 anos, nem como ABEL aos 26.

*

A GOMES TEIXEIRA devemos nós, brasileiros, a gratidão de um acolhimento cuja lembrança bem nos tocará sempre: era no seu *Jornal das Ciências Matemáticas e Astronômicas do Porto* que OTO DE ALENCAR publicava alguns dos seus mais robustos trabalhos, dentre êles destacando-se a memória notável: *Da acção duma força aceleratriz sobre a propagação do som*.

É aí que o matemático brasileiro se torna o eco da voz potente de GOMES DE SOUSA — o Sousinha —: na obra vertiginosa deste seu compatriota genial, encontra Oro, num mergulho de fôlego, os materiais e os métodos necessários à resolução do tão alto e fascinante problema de física matemática que constituía o objeto de sua memória.

Aos trinta e poucos anos de idade haveriam de desaparecer essas duas grandes forças do pensamento brasileiro — uma menos curta existência lhes teria permitido obra excepcional, produzindo-se com GOMES DE SOUSA, em especial, talvez uma completa reforma no tratamento matemático dos problemas de filosofia natural.

Não fora o fato de a obra de GOMES TEIXEIRA estar redigida em francês, e certamente teria ela o destino da de DANIEL DA SILVA, o seu grande mestre, sem nenhuma dúvida a mais completa organização de matemático, em Portugal.

DANIEL DA SILVA, desconhecendo os trabalhos de MÖBIUS e de MINDING, relativos à mecânica racional, criou duma vez o que esses continham, indo mesmo bem adiante daqueles dois notáveis matemáticos.

Escreveu, porém, em português, o que lhe valeu o «silêncio fechado da mais bela das línguas mortas» (G. AMADO)...

Vinte e cinco anos após, o célebre DARBOUX apresentava à Academia das Ciências de Paris u'a memória em que declarava muito inovar aos trabalhos de MÖBIUS e MINDING.

Todas as proposições do matemático francês se encontravam em verdade no trabalho do matemático português, que, ainda ultrapassava as do próprio DARBOUX.

«O que aproveita escrever em português» exclamava desolado DANIEL DA SILVA em carta dirigida a GOMES TEIXEIRA e na qual lhe dava parte da memória de DARBOUX (G. TEIXEIRA — *Panegíricos e Conferências*).

GOMES TEIXEIRA, que nunca perdeu ocasião de fazer valer a prioridade e superioridade, no assunto referido, de seu mestre venerado, não poderia, pois, destinar a sua própria obra àquele «silêncio» fatal — fê-la, assim, aparecer em francês.

*

É com amargor que não vejo o nome de OTO DE ALENCAR, aparecer nos livros de *Análise Matemática* — em muitas partes dessa ciência o seu nome certamente figuraria destacado se os matemáticos estrangeiros estivessem inteirados dos seus trabalhos, ora de elegante e impecável metodologia, ora de pura e alta pesquisa.

Que mina rara de sugestões, de conhecimento amplo e sistematizado, de relações importantes

achadas pela primeira vez, não é a sua memória publicada em 1904 na *Revista dos Cursos da Escola Politécnica do Rio de Janeiro* e intitulada *Aplicações geométricas de RICCATI*?!

Pena é que não houvesse também escrito em francês, pois, todos os seus trabalhos são vinculados, de profunda elaboração interior, de vistas agudíssimas e notavelmente originais, modelos que o são de disciplina e ordem matemática.

Outro homem de ciência brasileiro digno também de ser conhecido é MANUEL AMOROSO COSTA que, com o seu livro póstumo, *As idéias fundamentais da Matemática*, pôs-se ao nível dos melhores autores desses assuntos.

Que me revelem os bons amigos portugueses haver intercalado os nomes de três brasileiros entre as linhas por mim destinadas a homenagear o sábio matemático português FRANCISCO GOMES TEIXEIRA no passamento do seu centenário.

A sua generosa acolhida a um deles provocou naturalmente tal associação.